

ALDO CALVET

TEATRO

UMA CERTA ELEIÇÃO NO TEMPO DOS “CORONÉIS”

Adaptação da Comédia de Costumes de França Júnior
3 ATOS

PERSONAGENS:

LIMOEIRO
CHICO BENTO
HENRIQUE
PADRE ANSELMO
DOMINGOS
GREGÓRIO
CUSTÓDIO
FLÁVIO
PASCOAL
RASTEIRA-CERTA
ARRANCA-QUEIXO
PÉ-DE-FERRO
ZÉ-CATABRIGA
VOTANTE
JERÔNIMO
PERPÉTUA
ROSINHA
DENGA
POVO

FIGURAÇÃO:

Criada - Pajem - Escravos - Escravas - Eleitores - Capangas - Coro

TIPOLOGIA DAS PERSONAGENS:

1 - LIMOEIRO - “Coronel” chefe político do interior, oligarca em Santo Antônio do Barro Vermelho, para quem o mais importante é estar no poder e do poder tirar as maiores vantagens.

2 - CHICO BENTO - também chamado de “coronel”, é chefe de outra oligarquia, em Pau grande.

3 - HENRIQUE - bacharel em direito recém-formado, jovem, belo, inteligente, arejado, sem experiência de política e problemas sociais.

ALDO CALVET

TEATRO

- 4 - DOMINGOS - preto escravo, capataz da Fazenda Riacho Fundo, homem dedicado e sentimental; pelo senhor não mede sacrifícios.
- 5 - GREGÓRIO - professor público da freguesia do Barro Vermelho, um pouco pernóstico.
- 6 - CUSTÓDIO RODRIGUES - juiz de paz do Barro Vermelho, compenetrado do direito.
- 7 - FLÁVIO - inspetor de quarteirão, também do Barro Vermelho, homem conciliador
- 8 - PASCOAL BRAZILICATTO - italiano, vendedor ambulante, é bonachão e esperto.
- 9 - ANSELMO - vigário da paróquia do Barro Vermelho; sereno, maneiroso, interesseiro.
- 10 - DENGÁ - atraente mulata, bonita, tipo clássico de exportação, capaz de despertar muitas paixões.
- 11 - PERPÉTUA - mulher de Chico Bento, senhora de costumes coloniais, sonsa, autoritária e algo exagerada e hipócrita nos seus moralismos.
- 12 - ROSINHA - filha de Chico Bento e Perpétua; ingenuidade preconcebida, amarrada a preconceitos e tabus, moça “bem” de província.
- 13 - RASTEIRA -CERTA, ARRANCA-QUEIXO, PÉ-DE-FERRO, ZÉ-CATABRIGA, VOTANTE e JERÔNIMO - os quatro primeiros, indivíduos desordeiros, violentos, ignorantes, tipos visíveis de marginais; os dois últimos se definem pelo comportamento hesitante.
- 14 - POVO - significa a revolta da invocação irresponsável, por isso mesmo, passa a ser uma voz isolada sem repercussão.
- 15 - ELEITORES, ESCRAVOS, ESCRAVAS, CAPANGAS, CABOS ELEITORAIS - todos gente simples, ingênua, ignorante, lavradores ou roceiros da povoação.

ACÃO:

Em Santo Antônio do Barro Vermelho, interior da Província do Rio de Janeiro.

ESPAÇO CÊNICO:

1º ATO - Terreiro da Fazenda do Riacho-Fundo. À E., vê-se a varanda da Casa Grande. Janelas e portas dão para o palco. À D., árvores frutíferas. Ao F., morro que se perde de vista com plantações de café.

2º ATO - Praça principal da freguesia de Santo Antônio do Barro Vermelho. Ao F., a matriz. À D. e E., casas com portas para o palco.

3º ATO - A mesma cena do 1º Ato, só que, agora, a compõe uma mesinha à E., com duas xícaras de café.

ALDO CALVET

TEATRO

1º ATO

A cena é apenas iluminada no centro. Em transposição, Escravos e Escravas com enxadas e foices aram a terra, moem cana de açúcar, mexem farinha, socam arroz com pilão etc.; tudo deve ser feito em expressão corporal; todos se mostram cansados, extenuados, exaustos. O movimento rítmico permanece ao som da música monocórdia que Domingos canta e só cessa quando ele, o capataz, de chibata à mão, faz um sinal para encerrar o trabalho. Aí, todos arreiam no chão as enxadas e as foices.

DOMINGOS - (Para a platéia, numa espécie de apresentação, canta):

Com braço forte de escravo
No gemido do arado
A Fazenda de Sinhô
É a mais rica do valado.

Pra preto trabaio num farta
De dia e de noite tombem.
Meu Sinhô de caixa-arta
Veve a rir Cuma ninguém.

Moça, bunita, mulata,
Que soca arroz no pilão,
Entra logo na chibata
De meu Sinhô no valão.

Com crioulas e mulatas,
No feroz sapateado,
Hei de, em casa de meu branco,
Trazer tudo num cortado.

Ninguém bula com Domingos,
Que não é de brincadeira,
Quando sorta uma umbigada,
Quando puxa uma fieira.

(Aos Escravos)

Vamos todos festejá
A chegada do doutô
No terreiro a batucá
Lá na casa de Sinhô.

REPETE

ALDO CALVET

TEATRO

(A cena vai se iluminando lentamente, já agora com os Escravos dançando e cantando)

Oh que dia de pagode
Na Fazenda de Sinhô!
Sinhozinho chega hoje
Com diploma de doutô!

Nas senzala sastifeito,
Aguardente beberemos,
E, à noite, no terreiro,
O batuque dançaremos.

Oh, que diz de pagode etc. (repete)”

“LIMOEIRO - Pois é... A Igreja precisa acabar sua construção...

PADRE ANSELMO - (Corta) Acabar, acabar, não digo...

LIMOERIO - (Corta) Entendo. Pra que acabar, não é? Continuar. Não pode é parar. Devagar e sempre... (OT) Olhe, padre, aí estão os de Pau Grande. Vou atrair essa gente toda para nossa Feirinha deste ano.

PADRE ANSELMO - Que Deus te guie, filho.

(Entram Rosinha, Perpétua, Criada e Pagem, todos beijam a mão do Padre Anselmo)

PERPÉTUA - (Reparando Rosinha) Vejam só como está este chapéu. O que é que você tem nessa barriga?

ROSINHA - Ué. Eu sei lá. Só se foi aquela coisa dura que meu padrinho trouxe da cidade.

PERPÉTUA - Coisa dura?!

ROSINHA - É. (Aponta a cintura) Eu meti aqui.

LIMOERIO - Coisa dura não é pra meter na cintura.

PERPÉTUA - (Ríspida. Num grito) As anquinhas!

ALDO CALVET

TEATRO

CHICO BENTO - (Depois do susto, pois se distraía vendo a paisagem) Que é que tem as anquinhas?

PERPÉTUA - (A Limoeiro) As anquinhas são para meter na cintura. O senhor já usou anquinhas?

LIMOEIRO - Dona Perpétua, me respeite. (A Chico Bento) Mas, então, que há de novo por lá?

CHICO BENTO - De novo, novo... é só que seu vigário, agora, é um coronel.

PERPÉTUA - Dê-me licença que entre, para arranjar esta menina.

LIMOEIRO - A casa é sua, à vontade. (Saem Perpétua, Rosinha, Criada e Pagem que entram na casa grande).

CHICO BENTO - (Que admirava a paisagem, aproxima-se) Finalmente, o pequeno tomou juízo. Estudou, formou-se e está de volta. Agora, ele precisa de muito tino nos negócios da freguesia.

PADRE ANSELMO - (Susto) Freguesia?!

LIMOEIRO - Negócios da vila. Porque a paróquia...

CHICO BENTO - (Completa) Sei, sei. É aqui com o nosso vigário. (Beija a mão do Padre)

PADRE ANSELMO - Parce nobis, Jesu. Ab amni peccato.

LIMOEIRO - (Tentando desfazer o ambiente de mal estar) A conferência provincial dos bispos...

PERPÉTUA - (Que aparece na janela, chamando) Padre! Padre! Dê um puinho até aqui.

PADRE ANSELMO - Depois falaremos da conferência. (Sai)

CHICO BENTO - Ouvi falar que essa tal conferência acabou em conspiração política. Por falar em conspiração e política, e as eleições?

LIMOEIRO - Estão aí na bica. E os candidatos?

CHICO BENTO - Lá quando a isto é que não falta. Com rédea e tudo, nesta paróquia, difícil é saber quem não é candidato. (Segredando) Coronel Limoeiro, cá pra nós, um legislativo que não pode apresentar projeto de aumento do funcionalismo não presta mais pra nada.

ALDO CALVET

TEATRO

LIMOEIRO - Não presta, não presta, mas ta assim de pretendentes.

CHICO BENTO - Claro, todos querem a disponibilidade remunerada. Meu amigo, o executivo agora faz tudo...

LIMOEIRO - O Imperador já indicou os presidentes provinciais, sabe me dizer?

CHICO BENTO - Todos. Ta tudo indicado e eleito. Desta vez, não consentirei que os liberais assaltem a urna como fizeram na última eleição, na Freguesia do Rabicho Curto.

LIMOEIRO - Rabicho Comprido.

CHICO BENTO - rabicho curto.

LIMOEIRO - Rabicho Comprido.

CHICO BENTO - Eu digo Rabicho Curto.

LIMOEIRO - Pois então, foi.

CHICO BENTO - Não! Desta vez não! Eu sei que fazer.

LIMOEIRO - Que vai fazer, coronel?

CHICO BENTO - Quando os liberais chegarem não vão encontrar porra de urna nenhuma.

LIMOEIRO - O coronel disse liberais?

CHICO BENTO - Liberais, sim senhor.

LIMOEIRO - Perdão. Foram os conversadores.

CHICO BENTO - Conversadores somos nós dois.

LIMOEIRO - (Corrige) Quero dizer, conservadores. Foram os conservadores que desrespeitaram o voto livre indireto, as garantias constitucionais.

CHICO BENTO - Que conservadores, nada. Foram os liberais.

LIMOEIRO - Foram os conservadores.

CHICO BENTO - Eu digo liberais.

LIMOEIRO - Pois então, foi!

ALDO CALVET

TEATRO

CHICO BENTO - Assim é que eu gosto. Discutamos no terreno dos princípios. (OT) Agora, veja o que fez o Janico Moldura em sessenta e um.

LIMOEIRO - Janico Moldura. Dos chiliques. Dos bilhetinhos.

CHICO BENTO - Colecionou inquérito e mais inquérito pra depois fugir.

LIMOEIRO - Mas foi caçado em toda parte. E, olhe, não vai voltar nunca mais.

CHICO BENTO - Isso eu sei. Toda a freguesia sabe.

LIMOEIRO - E o Faisão? Homem de confiança do Peixe Morto. Era conservador.

CHICO BENTO - Está enganado. Faisão sempre foi liberal. Em sessenta e quatro, virou a casaca.

LIMOEIRO - Mas continuou no ostracismo anos a fio. Não foi cassado como outros do mesmo partido.”

“DOMINGOS - (Acompanhado pelo Coro dos Escravos, canta, ainda fora de cena):
Dos nossos braços valentes,
Unidos em doce amor,
Façamos forte cadeia
Pra conduzir o doutor.

(Entram Domingos, de chibata em punho, os Escravos carregando Henrique e, em volta, outros servos, todos comol autômatos cantam em coro):
Os seus escravos, meu branco,
Que vos amam com ardor,
Aqui trazem satisfeitos
Da casa o doce penhor.”

ALDO CALVET

TEATRO

“HENRIQUE - Me sinto tão bem aqui, tio. Um escritor disse que a vida da roça arredonda a barriga e estreita o cérebro. Que amargo epigrama contra esta natureza prodigiosa. Aí está o precursor anti-ecológico da história. Aqui, no Barro Vermelho, me sinto até poeta.

LIMOEIRO - É bonito, é bonito, mas não enche prato de ninguém.

HENRIQUE - De que fala meu tio.

LIMOEIRO - De poesia. Quero que te preocupes de coisa séria.

HENRIQUE - Mais séria que poesia? (Divaga) Que belo que está aquele horizonte! O sol deita-se em brilhantes coxins de ouro e púrpura, e a viração, embalsamada pelo perfume das flores dos campos convida a alma aos mais poéticos sonhos de amor.

LIMOEIRO - (À platéia, dando uma banana) Toma aqui, para os poéticos sonhos de amor! (A Henrique) Olha, meu filho, esquece esses sonhos de amor.

HENRIQUE - Ah, não posso, meu tio.

LIMOEIRO - Sonhos são sempre sonhos.

HENRIQUE - Por isso mesmo é que são belos.

LIMOEIRO - Deixa os sonhos. Vamos tratar da realidade. Vira pra cá.

HENRIQUE - Este por do sol...

LIMOEIRO - Deixa o sol quietinho no lugar dele. Tens ainda muito tempo para ver o sol.

HENRIQUE - Não como agora... neste momento.

LIMOEIRO - Tu gostas de sol? Vais ter um tempão para ver o sol. (OT) Que carreira pretendes seguir?

HENRIQUE - Advocacia. Claro.

LIMOEIRO - (Sinal com o dedo) Não. Não serve para um rapaz de uma honestidade abominável como tu.

HENRIQUE - Diplomacia, serventário administrativo...

ALDO CALVET

TEATRO

LIMOEIRO - Miséria! Que é isso? Te formaste para... servidor público? Deus te livre!

HENRIQUE - Então, jornalismo.

LIMOEIRO - Escrever o quê, nesta época?

HENRIQUE - (Com entusiasmo) Espere, tio... Magistratura!

LIMOEIRO - Esqueceste o principal.”

“GREGÓRIO - (Concertando a garganta) Senhor coronel Limoeiro, os nossos amigos que se acham presentes, querendo tributar elevada homenagem ao soberano anfitrião que acaba de chegar coroadado com os louros virentes da sabedoria, incumbiram-me, a mim, humilde professor público, o mais mal pago desta freguesia, de saudar tão grande dia, homenageando, ao mesmo tempo, o ditoso tio que vê tão ditoso sobrinho em tão ditosa carreira. Ditosa condição, ditosa gente, como diz o poeta! Viva o senhor doutor Henrique! (Toca a música) Agora hão de permitir que recite uma colcheia de minha lavra. (Tira um papel do bolso e lê):

MOTE

Alegrou-se a mocidade
Com a chegada do doutor.

GLOSA

Ser escravo jamais há de
O Império brasileiro!
Com o filho do Limoeiro
Alegrou-se a mocidade;

ALDO CALVET

TEATRO

Seu nome à posteridade
Há de chegar sem temor!
Cheio de glória e louvor,
Pois nada o Riacho fundo
Cheio de gozo profundo,
Com a chegada do Doutor.

(Todos, menos Henrique, dão “viva!”):
Viva o muito honesto, honrado político e popular coronel Limoeiro!
(Todos, menos Limoeiro, repetem “Viva!”)
Viva o senhor coronel Chico Bento de Pau-Grande! (Todos, exceto Chico Bento,
dão “viva!”)

LIMOEIRO - Meus senhores, o jantar nos espera. À mesa!
(Todos vão entrando para a Casa Grande ao som da música que Limoeiro canta):
Vamos, vamos meus senhores
Para a sala de jantar
Entre flores e iguarias
Este dia festejar.
CORO DE TODOS:
Entre flores e iguarias
Beberemos com ardor
À ventura de alegrias
E à saúde do doutor.”

“LIMOEIRO - (A sair da igreja) Domingos votou! Votoui! O voto ta dentro da urna!

HENRIQUE - E o senhor acha que vão apurar esse voto?

LIMOEIRO - Se vão contar? Ora, ora, são favas contadas. (A Chico Bento, apontando Perpétua e Rosinha) Elas vieram cabalar?

PERPÉTUA - (A Limoeiro) Cabalar?! (Gesto) Aqui ó! Coronel! Aqui! (Baixo, a Chico Bento) Muda essa roupa toda cagada, homem!

CHICO BENTO - (Corta) Psiu! Dá sorte! Dá sorte! Eu te juro, Perpétua, que noutra não me apanham mais.

LIMOEIRO - Está querendo me abandonar, não é?

CHICO BENTO - Abandoná-lo... Eu? É... Já dei minha palavra...

LIMOEIRO - logo agora, coronel.

ALDO CALVET

TEATRO

CHICO BENTO - Não... Porém...

LIMOEIRO - Porém o quê?) solene) Coronel Chico Bento, lembre-se que o lugar de soldado é no fogo.

PERPÉTUA - (Assustada) No fogo?!

LIMOEIRO - (Canta) Nós somos da pátria amada/ Fiéis soldados/ (Passa a imitar tiros de canhão, de fuzil, metralhadora, em posições as mais exóticas) É fogo!

CHICO BENTO - Fogo! (A Perpétua) Ele quer me botar no fogo.

PERPÉTUA - Coronel Limoeiro ta pensando que você é bombeiro.

(Chico Bento desaparece, saindo para o fundo da igreja)

LIMOEIRO - Dona Perpétua, nada de água. Não me esfrie o homem nesta hora que ele precisa ficar quente.

PERPÉTUA - Eu preciso dele quente não é aqui...

LIMOEIRO - (A Henrique) Vai tomar conta da urna.

HENRIQUE - (Abraçando Rosinha) Estou ao lado da urna dos meus afetos.

LIMOERIO - Essa já está no papo.

PERPÉTUA - Não, senhor. Não está. Não papou ainda.

LIMOERIO - Mas vai papar. (Ordenando) Vai segurar a outra, na igreja, que está em perigo. Eleitor! Eleitor! Precisamos... (Reflexão) Espera. Domingos votou uma vez só. É pouco.

CHICO BENTO - (Que volta do fundo da igreja) Esse negro vale uns dois contos de réis. Como gosta de votar! Vai gostar de votar assim...

HENRIQUE - (Saindo) Rosinha, Dona Perpétua, entrem nesta casa. Não tenham receio.

(Rosinha e Perpétua saem)

LIMOEIRO - Henrique, mandão o Domingos aqui.

(Henrique acena com a cabeça e entra na igreja)

CHICO BENTO - Coronel Limoeiro, a porrada está solta lá atrás da igreja. Fui fazer uma necessidade, não pude fazer descansado. Cortaram a orelha do João Porro...

ALDO CALVET

TEATRO

LIMOEIRO - Logo do Porro! Coitado!

CHICO BENTO - Rasgaram o escroto do Júlio Saco Rendido. Lembra do Benevenuto?

LIMOEIRO - Aquele alfaiate mulato cor de bosta?

CHICO BENTO - Esse! Já era rendido.

LIMOERIO - (A Domingos) Estás machucado?

DOMINGOS - Não, meu sinhô, levei só uma porretada na cabeça...

CHICO BENTO - Quebrou a cabeça...

DOMINGOS - (Corta) Não sinhô, quebrou o pau.

CHICO BENTO - Não dá pra entender. Bate na cabeça (gesto), quebra o pau...

LIMOEIRO - Cabeça dura. Antes fosse o pau. Domingos, você vai votar mais uma vez.”